

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 CATERINA RODRIGUES,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA NUNES CALDEIRA

JUNHO DE 2021 • Nº 42

AGORA

Página Facebook: <https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178> | Email: agora.fcrsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de abertura Tempo de partilha e (re)conhecimento...

Agora que terminaram as aulas, faz-se o rescaldo de mais um ano letivo e colhem-se os frutos do investimento feito. Em tempo de balanço, o AGORA dá a conhecer algumas das interessantes iniciativas que ainda vão acontecendo na FCSH e faz eco do merecido reconhecimento dos seus colaboradores e estudantes.

A *Conversa Escrita* deste mês desvenda os recantos de uma exposição organizada pelos estudantes do curso de História, fruto de um aturado trabalho de pesquisa que explorou as vivências e tradições que marcam o Património Cultural Imaterial Açoriano.

A rubrica *Ágora* dá voz a um projeto que quebra barreiras geográficas e explora o potencial do Ensino a Distância feito a partir dos Açores e em *Agora* convidam-se todos os interessados a aprofundar conhecimentos numa das muitas oportunidades de formação pós-graduada que a FCSH tem para oferecer. E para aqueles que vão de férias, em *Agora é Moda* oferecemos umas calças rasgadas, para acompanharem a nossa estudante Patrícia Vicente, em *Agora deu-me para isso*, num trilho entre a psicologia e natureza única que nos rodeia.

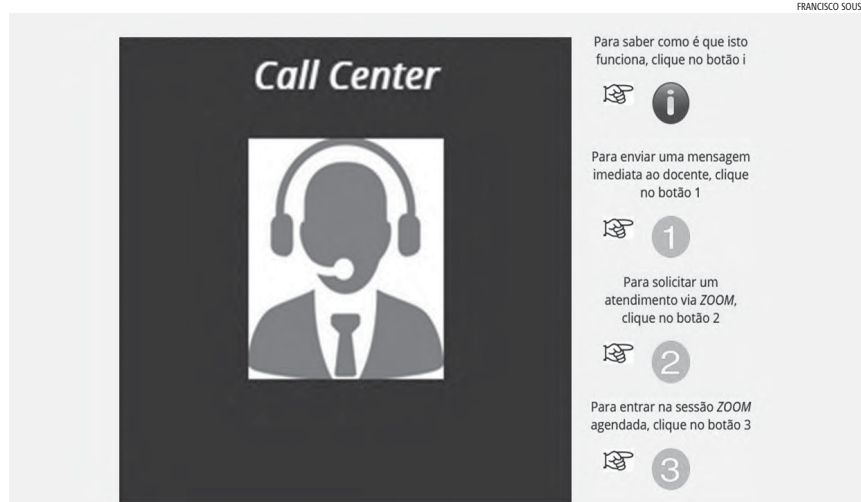
ADOLFO FIALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

Potencial do EaD na promoção da inclusão geográfica nos Açores

O projeto "Potencial do Ensino a Distância na promoção da inclusão geográfica nos Açores" (IGEaD) é financiado pela Direção Regional da Ciência e Tecnologia, no âmbito do concurso "Implementação de projetos de I&DI - C. Sociais e Humanas 2019" e é conduzido por uma equipa de cinco investigadores, dos quais quatro são docentes da FCSH - dois do Departamento de Educação, um do Departamento de Sociologia e um do Departamento de História, Filosofia e Artes.

Sabendo que o Ensino a Distância (EaD), ao permitir o acesso ao ensino em qualquer momento e em qualquer lugar, pode contribuir decisivamente para a atenuação dos efeitos das barreiras geográficas, um maior desenvolvimento do EaD a partir dos Açores pode constituir-se como fator de inclusão no acesso ao ensino superior, sobretudo para açorianos que residam nas ilhas mais pequenas. Assim, o principal objetivo geral deste projeto é estudar o potencial do EaD na promoção da inclusão geográfica em contexto insular. Mais especificamente, pretende-se: compreender experiências de estudantes açorianos no âmbito



FRANCISCO SOUSA

Exemplo de recurso desenvolvido no âmbito de práticas de EaD realizadas na UAC

do EaD, compreender o eventual interesse de residentes em ilhas e concelhos periféricos dos Açores por formação superior oferecida a distância pela UAC e avaliar a receptividade de potenciais candidatos açorianos ao ensino superior relativamente a abordagens ao EaD em desenvolvimento na UAC. Serão recolhidos dados atra-

vidos à pandemia COVID-19. Nesse contexto, a equipa do projeto, em articulação com a Reitoria, promoveu algumas ações de formação sobre EaD, que foram frequentadas por dezenas de docentes da UAC.

FRANCISCO SOUSA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Patrícia Vicente convida a um saudável trilho entre a Psicologia e a natureza

página 2

Alumni

Vânia Cruz conta como fez dos Açores e da UAC a sua segunda casa

página 2

Em notícia

Mestranda em Filosofia para Crianças eleita a "melhor professora de Portugal"

página 2

Agora Abertas candidaturas para mestrados e doutoramentos na FCSH

Junho é o mês de final de aulas de pensar em planos para o próximo ano letivo. Já a preparar 2021-2022, a Universidade dos

Açores tem abertas até dia 30 de junho as candidaturas a mestrados e a doutoramentos. Na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, os candidatos podem escolher de entre uma oferta variada a nível de mestrados: Educação e Formação, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Filosofia para Crianças, Património, Museologia e Desenvolvimento, Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, Relações Internacionais: O Espaço Euro-Atlântico e Tradução e Assessoria Linguística. A nível de doutora-



ANDRÉ MENDONÇA & MÁRIO RANGEL

MESTRADOS
 DOUTORAMENTOS
 CANDIDATURAS ABERTAS

MAIS INFORMAÇÕES EM QUEROESTUDAR@UAC.PT

mentos, as opções para o próximo ano letivo são Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico-Institucional e Literaturas e Culturas Insulares. Encontre toda a informação necessária na página da UAC, no separador Acesso 2021-2022, e também em <https://uac.pt/MestradosDoutoramentos/#page/1> ou através do email queroestudar@uac.pt. Contacte-nos e inscreva-se!

ANA CRISTINA GIL
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Trilhando o caminho de autoconhecimento “Walk & Coach”

Patrícia Vicente é aluna do 1.º ano da Licenciatura em Psicologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores

Viver nos Açores é desfrutar da natureza. Há quatro anos, quando regressiei aos Açores, descobri o prazer das caminhadas pela natureza. Fazer trilhos e caminhadas foi começar o meu processo de autoconhecimento, de entender os meus pensamentos, as minhas emoções e ações. Eu vi nesta atividade uma forma de ganhar uma nova vida, procurando melhorar a qualidade e atingir novos patamares. Deixar

de procrastinar... Lembro-me de que havia aqueles fins de semana em que não me queria levantar e punha em prática a “regra dos 5 segundos” da Mel Robbins: 5... 4... 3... 2... 1... e toca a andar. Quem não caminha, não tem ideia de quão importante é para descongestionar a cabeça. Os trilhos ajudam-me a respirar melhor, a ter maior consciência de mim e do meu corpo, melhoram o meu estado emocional e reduzem a minha ansiedade. Comecei por fazer os trilhos com a CMPD e, só depois, nós, em casa, começámos a organizar trilhos. São gratuitos, estão todos marcados e têm toda a descrição na Internet. Às vezes os amigos acompanham-nos, mas somos sobretudo eu, o meu marido e o meu filho



“Acredito que caminhar na natureza tem efeitos poderosos de cura”, partilha Patrícia Vicente.

mais novo, que muitas vezes aguenta mais “o passo” do que nós. Uma das coisas que também descobri com esta atividade é que o *mindset* de felicidade familiar mudou para melhor porque é algo de que todos gostamos muito e fazê-lo juntos é “a cereja no topo do bolo”. Existem trilhos para todos os gostos e tipo de pessoas. Os tri-

lhos são categorizados por níveis de dificuldade. Há trilhos que terminam no mar ou em poças de água quente. Tomamos banho e comemos alguma coisa. Depois seguimos o caminho. Pessoal e profissionalmente acredito que caminhar na natureza tem efeitos poderosos de cura. Por isso, e sendo *Coach*, idealizei uma rubrica “Walk & Coach”,

uma forma de fazer *coaching* que integra a natureza e seus efeitos saudáveis à sessão. Com a caminhada o humor eleva-se, as pessoas sentem-se mais relaxadas, mais soltas e criativas, dois fatores que contribuem para o sucesso do processo de *coaching*.

PATRICIA VICENTE
(ESTUDANTE DA FCSH)

Mestranda da FCSH considerada “a melhor professora de Portugal”

Elsa Cerqueira, mestranda em Filosofia para Crianças e membro colaboradora do NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, ganhou o primeiro prémio da Edição de 2021 do *Global Teacher Prize Portugal*.

Este reconhecimento premeia docentes de diferentes países, dos ensinos pré-escolar, básico ou secundário, com o objetivo de valorizar projetos educativos de referência, com relevância nas escolas e nas suas respetivas comunidades.

A Dr.ª Elsa Cerqueira é professora de Filosofia na Escola Secundária de Amarante, onde criou o projeto “Filosofia com Cinema”, que pretende “desenvolver o pensamento filosófico de cada aluno, dentro e fora do filme”, refere a própria.

Para o Mestrado em Filosofia para Crianças da FCSH, esta atribuição é um reconhecimento fundamental para o trabalho que tem sido realizado nos últimos anos, pelos seus estudantes e docentes, em prol da aproximação entre a filosofia e a infância.

MAGDA CARVALHO
(DOCENTE DA FCSH)



Elsa Cerqueira é aluna do mestrado em Filosofia para Crianças da FCSH

Alumni “Descobri a minha segunda casa”

Falar da minha relação com a Universidade dos Açores é falar, obrigatoriamente, da minha relação com a Filosofia para Crianças. A vontade de aprender mais sobre esta área do conhecimento juntou-se a uma necessidade que sentia, há algum tempo, de voltar a estudar e a sentir-me desafiada intelectualmente.

No Verão de 2017, estava de férias quando decidi fazer a minha inscrição no Mestrado. A professora Magda Costa Carvalho foi incansável, em todo o processo e prontamente esclareceu todas as dúvidas que iam surgindo, ao longo da tomada de decisão.

À data, ainda não tinha muita noção do quanto seria impactante esta experiência na minha vida. Ainda estávamos longe de viver esta experiência da pandemia, já o Mestrado funcionava *online*, através da plataforma *Zoom*, o que, por si só, representava um fator inovador e me possibilitava participar, a partir de Almada.

Apesar de o percurso académico ter terminado no passado dia 5 de junho de 2020, com a defesa da Dissertação intitulada *Os Estranhos Mundos do Sr. Valéry: Incursões na Filosofia para Crianças com Gonçalo M. Tavares*, a relação com o Mestrado e com a Universidade dos Açores continua. A experiência foi excepcional, não apenas pelo formato da formação, mas também pelo encontro de pessoas extraordinárias, que tive o prazer de conhecer; pelo conhecimento partilhado; pelos professores que nos desafiaram; pelos momentos transformadores e profundamente ricos, vividos nos encontros presenciais, com especialistas internacionais e, como não podia deixar de ser, pela possibilidade de conhecer os Açores e as suas gentes maravilhosas.

A notícia da medalha de mérito académico da UAc, do biénio 2017/2019, surpreendeu-me, no passado dia 29 de dezembro, no



Vânia Cruz é Mestre em Filosofia para Crianças pela UAc

final de um ano atípico, de pandemia, o que me emocionou e deixou muito sensibilizada. Aproveitei esta oportunidade para dedicar este reconhecimento à minha família, em especial ao meu marido, ao Martim, à Marta e à minha mãe. Tenho a perfeita convicção que me transformei enquanto ser humano; que inspirei os meus dois filhos a seguir os seus propósitos; que descobri a minha segunda casa e que tenho uma família alargada, espalhada por todo o arquipélago dos Açores.

VÂNIA CRUZ
(ANTIGA ALUNA DA FCSH)

Agora... os finalistas da Licenciatura em História

Tradições açorianas em exposição na Biblioteca da UAc

“Vivências e memórias da tradição açoriana: Contributos para o estudo do Património Cultural Imaterial” é uma exposição desenvolvida pela turma de Antropologia Cultural dos Açores, do 3.º ano de História, em parceria com o Museu Vivo do Franciscanismo, o CHAM - Centro de Humanidades e a Biblioteca, Arquivo e Museu da UAc. A iniciativa pretende mostrar algumas das vivências e tradições que marcam o Património Cultural Imaterial Açoriano, em cinco das nove ilhas do arquipélago: S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Pico e Flores procurando ser uma manifestação das diversas realidades insulares, desenvolvendo temas como a gastronomia, a olaria, a poesia, a música e, até, o cinema.

A exposição, inaugurada no dia 16 de junho, ficará patente no átrio da Biblioteca da UAc, campus de Ponta Delgada, até outubro, sendo que os visitantes terão a oportunidade de visualizar um conjunto de posters representativos de cada trabalho desenvolvido pelos estudantes, para além de uma mostra de pequenos vídeos documentais que caracterizam um pouco estas tradições. Participam nesta atividade os alunos Albano Gomes, Beatriz Medeiros, Brenda Melo, Cláudia Cordeiro, Cristina Puga, Joana Correia, José Pedro Dias Rodrigues, Lisandra Goulart e Nina Silveira. Com o objetivo de conhecer melhor as características e o enquadramento da mostra, o *Agora* conversou com o coordenador da exposição, Duarte Nuno Chaves, professor da FCSH e investigador do CHAM.



A exposição foi inaugurada a 16 de junho e pode ser visitada até outubro.

Como surgiu a ideia de realizar esta iniciativa?

Esta exposição insere-se no âmbito da lecionação da unidade curricular de Antropologia Cultural dos Açores, incluída no 3.º ano da licenciatura em História, sendo um dos elementos de avaliação desta disciplina, que tem uma componente teórico-prática de trabalho de campo, que pretende dotar os discentes de competências no sentido de operar diversas ferramentas de recolha de manifestações de cariz antropológico.

Como foi pensada a abordagem do tema?

Foram propostos diversos quadros temáticos nos quais os alunos poderiam trabalhar e desenvolver as suas recolhas. Estas coletas originaram a realização de várias entrevistas a indivíduos da comunidade, que ainda se encontram ligados a algumas destas manifestações. Para além do trabalho escrito, assente numa metodologia científica, foi privilegiado o registo audiovisual, que veio a originar a edição de um vídeo que faz parte desta mostra expositiva. Paralelamente cada estudante ficou responsá-

vel pela elaboração de um poster que apresenta a metodologia e as conclusões de cada trabalho realizado.

Como caracteriza o envolvimento dos alunos nesta experiência?

Os estudantes envolvidos demonstram um grande empenho na realização das tarefas que culminaram com a realização da exposição. Um dos principais intentos deste acontecimento foi de munir os discentes de competências básicas no âmbito da conceção, elaboração e gestão de uma mostra expositiva de elementos do património cultural imaterial açoriano, privilegiando a capacidade de organização, autonomia e de sentido de grupo.

De que forma esta iniciativa é importante no âmbito da relação com a comunidade?

O património cultural imaterial está sempre associado aos vários elementos da comunidade, pois é essa mesma comunidade que garante a sua existência, vivenciando-o e transmitindo-o às gerações futuras. E mesmo quando essas expressões deixam de ser vivenciadas é graças à nossa memória biográfica, que

podemos, nos dias de hoje, conhecer essas tradições.

Os diferentes núcleos da exposição estão organizados da seguinte forma:

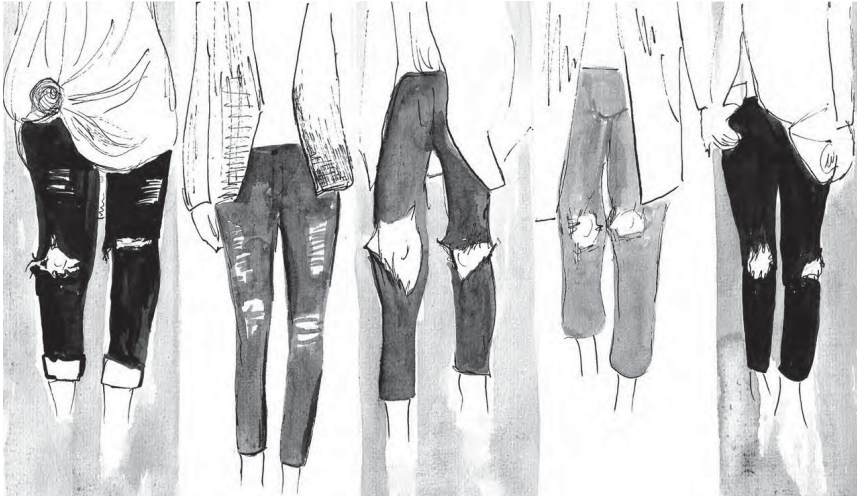
- Gastronomia nas Festividades Espírito Santo: Santo António - Uma localidade jorgense como caso de estudo.
- A produção e a cultura do Vinho Verdelho dos Biscoitos, ilha Terceira.
- Louça da vila: a Olaria do Mestre João da Rita como caso de estudo.
- A Marcenaria em São Miguel.
- Rendas e Bordados tradicionais: o caso ribeira-grandense.
- Alfaia Agrícola Tradicional vs Tecnologia Atual na Freguesia de Arrifes, Ilha de São Miguel.
- O contributo de Roberto de Mesquita para a construção do conceito da açorianidade.
- A Chamarrata do Pico: Contributo para o estudo do património cultural açoriano.
- Filmografia e identidade açoriana: os xaias negros, de José Almeida.

CATARINA RODRIGUES
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

Calças rasgadas

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PI DA FCSH)



Diz-se que gozam de mais saúde e de maior liberdade...

Todas as calças rasgadas se parecem umas com as outras, cada calça sem rasgões é-o à sua maneira. Em comum, as primeiras partilham as seguintes características: são predominantemente de ganga, apresentam-se esburacadas nos mesmos sítios, de preferência nos joelhos, e, contrariamente às outras calças, não pretendem proteger do frio, mas criar entradas de ar exclusivas para certas zonas do corpo.

As calças rasgadas surgiram nos anos 80 como um elemento de protesto associado à cultura punk, com a intenção de combater a imposição de padrões de gosto e de consumo de massa. Em breve, porém, tornaram-se elas próprias um fenómeno coletivo integrado numa lógica de consumo juvenil.

As calças sem rasgões, pelo contrário, resistem melhor a pa-

drões de gosto homogéneo. São muito variadas ao nível das cores, modelos, largura, comprimento e faixa etária dos consumidores. Tanta variedade causa-lhes maior ansiedade do que às rasgadas, na medida em que têm de se adaptar aos humores instáveis do público, estando sujeitas aos extremos de ódio e de paixão e respetivos arremessos. Já as calças rasgadas mantêm-se unidas por um jovial sentimento de pertença à juventude. Tal como quem as usa, são descontraídas e informais. Também gozam de mais saúde e de maior liberdade, saindo à rua a qualquer hora do dia ou da noite, passeando por avenidas e ruelas, igualmente apreciadas estejam sujas ou lavadas, mostrando-se na praia e na discoteca, deitando-se e acordando tarde, por vezes, em quartos desconhecidos. Não têm de passar pelo sofrimen-

to da engomadoria e não deprimem com uma baihna desfeita.

Ao invés disso, as calças sem rasgões obedecem a rotinas rígidas no cabide e fora dele. Agonizam com um simples repelão, sujeitam-se à passagem de agulha e linha sem anestesia, levam metade do ano sufocando em caixas hermeticamente fechadas, encolhem à chuva, empalidecem ao sol e morrem no contentor do lixo quando lhes cai um simples pingo de azeite.

É caso para se dizer, imitando Tolstói, que todas as calças rasgadas são felizes e cada par de calças sem rasgões é infeliz à sua maneira. Nenhuma delas, porém, rasgadas ou inteiras, inaugurou até hoje um romance. Mas nunca se diga que não são dignas de uma crónica.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é hora

Trincando pensamentos

Nós somos nós! Uma turma de crianças que frequenta o 3.º ano da escola Infante D. Henrique da Escola Básica e Integrada de Angra do Heroísmo.

Estamos aqui para vos dizer que participamos na V Edição do Prémio Nacional do Conto de Filosofia para Crianças, promovido pela Associação Portuguesa de Ética e Filosofia Prática, que tem como objetivo incentivar a criatividade e o gosto pela escrita. Ao nosso conto foi atribuída uma Menção de Honra, o que nos deixou muito felizes e com vontade de continuar. É uma experiência diferente! E porquê? Porque nós pensamos, fazemos perguntas e delas surgem-nos ideias. A nossa imaginação ganha asas e nunca baixamos a cabeça para nada. Criamos perguntas, ideias, dúvidas, e respostas sem resposta. Pensamos sobre "perguntas respondentes" como questionou uma colega de outro grupo. Criamos "imaginações diferentes"...

O nosso conto fala sobre o Martinim e a Isabela que eram amigos e colegas de escola. Um dia num passeio "aventurado" pela floresta encontraram numa caverna, um curioso presente que os levou por uma viagem entre portas e perguntas, aparentemente sem resposta.

Entre pensamentos fazemos as nossas descobertas tendo como referência o investigar até onde a nossa curiosidade nos leva. Foi a partir da correção de uma questão que surgiu o título do nosso conto: "Qual é a verdadeira pergunta?" A ideia foi do Fandim e ele pensa que há muitas pergun-

tas no mundo e quer saber qual é a verdadeira pergunta.

Para o Gonçalo, o conto fala de uma pergunta que leva a uma outra pergunta e nenhuma leva a uma resposta. A Vitória achou engraçado participar porque nunca tinha experimentado. A Maria Inês e o Daniel divertiram-se e para a Maria foi como andar na montanha russa. Para a Mariana N., as perguntas fazem-nos pensar nas palavras que estão dentro delas. Será que as perguntas vivem dentro das palavras ou será ao contrário? A Magdalena acha que foi como se fosse uma viagem no tempo. O Lourenço gostou porque pensamos todos juntos. A Beatriz diz que o texto fez-nos pensar em perguntas sem respostas. Para a Mariana P., o que deu origem ao texto foram perguntas que depois originaram o título. A Carolina gostou porque fez com os colegas e o Noah divertiu-se a combinar as ideias. Para o Santiago foi bom ganhar um prémio. Para a Carlota, a experiência fez-lhe pensar em mais perguntas. O olhar do Pedro diz-nos que "foi divertido" e o do Simão que "pensamos muito". Para a Nayara, a experiência ajudou-nos a aprender perguntando.

E para nós, que os acompanhamos desde o 1.º ano, foi muito gratificante ver o fluir de ideias, o crescente empenho e a liberdade de pensarem por si próprios. Que continuemos a pensar com eles.

ALUNOS DO 3º ANO / TURMA 8 SOB
A ORIENTAÇÃO DE **CARLA LARANJEIRA**
E **ANA LÚCIA RIBEIRO**
(MESTRANDA EM FILOSOFIA PARA
CRIANÇAS, DA FCSH)



Agora Veja

À Espreita

**Fernando
Abreu**

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



Ana Lúcia Ribeiro, estudante da FCSH, orgulhosa com o desempenho do seu grupo.